

APRESENTAÇÃO

Uma bela e grandiosa aventura da raça humana deu-se nesta deslumbrante área de terra – estes píncaros, montes e picos; estas montanhas, ora suaves, ora íngremes e elevadas; estes vales, estas vargens, ora pequenas, ora grandes – toda verdejante, de um verde intenso, mas de múltiplas cores e variedade infinita de rica vegetação. Lá em cima nos grotões dos píncaros, nascem águas cristalinas, que descem pelos rios de águas claras e límpidas, e vêm batendo em pedras arredondadas pelo tempo, levando histórias das gentes que por ali vivem para as outras que vivem rio abaixo, até chegar ao mar, onde as águas e as histórias se espalham. Aventura de uma porção da raça humana constituída de gente branca caucasiana que veio lá da Europa, de gente negra vinda lá da África, gente forte acostumada a idêntico sol e a idêntico calor, que resistiu a mais de duzentos anos de holocausto de dóida e desumana escravidão, gente que havia se misturado entre si e se misturado aos índios que encontraram nas terras livres e generosas deste imenso Brasil. Aqui, vieram a se miscigenar com os puris – para alguns, ligados etnicamente aos jês; para outros, ligados aos tupis, os quais já desfrutavam de tudo que esta terra bela e boa oferecia, por aqui perambulando desde tempos imemoriais. De toda essa mistura, saiu uma gente bonita no seu ser físico e moral, no seu caráter, no seu jeito de viver.

Parte dessa gente, menor parte, veio para tomar posse, receber em doação ou comprar um pedaço dessa terra e comandar a ocupação, veio para ser fazendeiro ou, no mínimo, sitiante. A outra parte, a maior parte, veio tão-somente, pois nada mais tinha, com suas mãos, com sua força de trabalho, com sua humanidade, com o único sonho de um lugar para morar com dignidade e de onde tirar o que comer. Mãos que efetivamente tocaram a terra, fizeram as lavouras, arrancaram daqui o café, para encantamento das gentes do mundo inteiro. Que substituíram as matas pelos arbustos do café, o verde da paisagem multicolorida pelo belo verde do café, embranquecido na floração, avermelhado quando maduro. Todos para aqui vieram para ser parceiros, meeiros dessa aventura.

Aqui, tocaram numa terra nunca tocada pela mão humana, ainda virgem, igualmente proibida, a qual, tocada por suas mãos, tornou-se adulta, madura, como todas as virgens quando tocadas pelas mãos do homem, realizando o esplendor da vida humana: ligar o homem a terra.

Ao tornarem estas plagas e montanhas de encantamento uma parte da vida humana, integrada e útil à humanidade, realizaram uma aventura tão bela que vale a pena ser contada.

Essa bela aventura se dá em torno da Serra do Caparaó e adjacências, em terras de Minas Gerais e do Espírito Santo. A parte aqui narrada, como exemplar de toda a região, focaliza áreas dos municípios de Manhumirim, em Minas, até Pequiá e Laranja da Terra, no Espírito Santo; do Alto Jequitibá até Jacutinga, além do próprio maciço do Caparaó e do Pico da Bandeira. Aqui se encontra uma das cabeceiras do rio Doce.

O que aqui relato resultou de ouvir muitas pessoas da região, de estudos e da experiência da vida pessoal na área.

* * *

A ocupação do Brasil foi realizada a partir de sua costa. A partir de Salvador, do Recife, do Rio de Janeiro, de Vitória, de São Vicente, de São Luís e de outros pontos. Da costa para o interior, como era lógico, pois os portugueses aqui chegaram pelo mar. A ocupação deu-se no sentido do leste para o oeste, mas permaneceu por muito tempo restrita à costa e às suas extensas baixadas. À exceção da penetração em Piratininga, por onde se chegava ao planalto de São Paulo, da entrada pelo vale do São Francisco para a criação de gado, e de algumas entradas no Nordeste, apenas o suficiente para a plantação da cana de açúcar.

Somente com o surgimento da mineração, ocorreu a penetração para o interior, a partir de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Salvador. Com os controles estabelecidos pelo governo português, o acesso à mineração ficou restrito ao caminho do Rio de Janeiro, permanecendo impossível de ser penetrada pelo homem branco a extensa área entre as costas norte do Rio de

Janeiro e as costas do Espírito Santo – a partir da baía de Guanabara, até a foz do rio Doce acima de Vitória –, até a zona da mineração. O centro dessa imensa região é a Serra do Caparaó, onde se situa o Pico da Bandeira. É a Zona Proibida ou Restrita, na qual não se podia penetrar, abrir picada, derrubar mata, construir casa ou se estabelecer. O governo português temia o contrabando das minas até o porto de Vitória, bem como as facilidades para o acesso de franceses e holandeses a partir do porto de Vitória até a zona da mineração.

A ocupação dessa área, quando se exauriu a mineração, ocorreu no sentido inverso das penetrações no território brasileiro, isto é, no sentido oeste-leste, do centro em direção à costa, pois, à medida que as pessoas iam abandonando o trabalho de mineração, buscavam outras áreas e outras fontes de trabalho e riqueza. A ocupação deu-se também a partir do sul, do Rio de Janeiro, do vale do Paraíba, e do oeste, a partir das costas do Espírito Santo, de Vitória e dos afluentes do rio Doce, pelo Norte.

A nova fonte de trabalho e de riqueza que essa gente encontrou foi o café. Nessa região, o centro da atividade do cultivo do café foi o meeiro. A parceria de meação constituía a relação de trabalho dominante. Aqui, busca-se descrever como se deu essa relação, como foi a vida do meeiro de café, seus trabalhos e seus dias.

Descrevem-se também, com enfoque em algumas fazendas e em alguns lugares, determinados aspectos e circunstâncias do desenrolar da vida das gentes que ocuparam a região, exemplares da vida em toda a Zona Proibida de Caparaó.

Nascido na região, ali tendo vivido e para lá sempre voltando, permanecendo integrado na vida dos pais, avós, tios, primos, amigos, foi-me possível ter acesso a inúmeros depoimentos que relataram os aspectos fundamentais da vida na área. Além de pesquisas que fiz em cartórios, documentos, escrituras, inventários, testamentos, contratos, correspondências, fotografias. Tudo isso possibilitou esta obra.